

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS


ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

Dicionário das Crises e das Alternativas



DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.
Rua Fernandes Tomás, nºs 76, 78 e 79
3000-167 Coimbra
Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

Individualismo

Enquanto elemento fundador da liberdade pessoal na sua relação com todas as formas de organização coletiva, o individualismo é frequentemente defendido como um valor positivo. Partindo do pressuposto segundo o qual do esforço do indivíduo resulta a criação de bens – materiais e imateriais – que beneficiam toda a comunidade, é também valorizado na organização económica e social. Pensar o individualismo obriga a articulá-lo com o contrato social, com origem em Hobbes, Locke e Rosseau, que pressupõe a renúncia a um certo grau de liberdade individual em troca de direitos jurídicos, de proteção do indivíduo e da propriedade privada. Sendo, na origem, politicamente um conceito emancipatório, no entanto, o individualismo não deixa de ter implicações éticas na relação interpessoal.

A década de 1980 viu o triunfo de um hiperindividualismo egocêntrico e mesmo narcísico que se traduz em fenómenos tão diversos como o culto do corpo e o neoliberalismo económico. Nessa mesma década, Pateman denuncia o contrato social como um falso consenso que esconde relações de dominação e subordinação – que atingem particularmente as mulheres e os mais pobres –, hipótese mais tarde alargada como o perigo do “contrato da indiferença mútua” (Geras), que coloca a questão no campo da ética.

Uma crise económica é acompanhada por uma crise de carácter moral, visível nos discursos sobre “perda de valores”. Perdida a matriz de referência ética, práticas que já eram comuns mas se ocultavam sob uma retórica socialmente aceitável passam a ser assumidas e mesmo incentivadas: instala-se o darwinismo social, uma guerra de todos contra todos, que responsabiliza os excluídos pela sua exclusão e premeia os mais implacáveis pelo triunfo a qualquer preço. Etimologicamente, “crise” significa “momento de decisão”, “mudança súbita”; assim, a anunciada iminência do fim dos valores é uma oportunidade para pensar uma forma de estar do indivíduo na organização social que proteja a liberdade – de pensar e de agir individualmente –, mas não conduza à indiferença. Pelo contrário: que inclua a responsabilidade perante o (outro) humano e a obrigação da solidariedade.

Adriana Bebbiano